

A MOBILIDADE SOCIOESPACIAL DOS RURAIS E SUAS EXPRESSÕES CIDADINAS: UMA ANÁLISE DO MUNICÍPIO DE ARAPONGA, MG

Nayhara Freitas Martins Gomes

Ana Louise De Carvalho Fiuza

Neide Maria De Almeida Pinto

Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo

1. INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo central investigar o fenômeno da mobilidade socioespacial das pessoas que vivem no campo analisando o intercâmbio socioeconômico advindo dos deslocamentos entre o campo e a cidade. A mobilidade socioespacial dos habitantes do campo se intensificou pela facilidade dos meios de transporte e comunicação que comprimiram o espaço e o tempo, levando ao surgimento de espaços híbridos, fruto das interações entre os modos de vida rural e urbano. Os deslocamentos realizados pelos rurais permitem, assim, uma interação territorial entre o campo e a cidade.

A mobilidade é considerada neste estudo como um fenômeno socioespacial, não estando voltada para o aspecto migratório e não implicando necessariamente na transferência de residência em primeira medida. Esta investigação dá enfoque ao ir e vir, aos processos de troca, aos deslocamentos que as pessoas que vivem no campo realizam no seu próprio espaço e no entorno dele. A questão que norteou esta pesquisa voltou-se para a compreensão de quais as dimensões da vida dos rurais se modificavam a partir da sua maior interface com a cidade. Para isto, a mobilidade socioespacial das pessoas que viviam no campo foi analisada considerando-se a perspectiva de gênero e de geração. Desta forma, nos atentamos ao deslocamento de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, buscando compreender as singularidades e semelhanças nos movimentos.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu das discussões sobre os processos de mudanças socioeconômicas e culturais no campo, ao

longo dos estudos realizados no Grupo de Pesquisa GERAR – Grupos de Estudos Rurais: agricultura e ruralidades. A relevância acadêmica e social deste estudo reside no fato de que os deslocamentos cotidianos têm sido estudados como fenômenos ocorridos, sobretudo, nos grandes centros urbanos, enquanto nas pequenas cidades e no campo, tal fenômeno tem sido responsável por grandes transformações nos modos de vida dos habitantes do campo e das pessoas que vivem em pequenas cidades, sem que, contudo, sejam realizadas pesquisas sobre este fenômeno.

A forma como no Brasil o campo tem se transformado mediante as relações capitalistas de produção vem colocando em intenso diálogo as formas de se viver na cidade e no campo. Portanto, cada vez mais, torna-se superada uma visão que distingue e coloca em extremos o campo e a cidade, visto que hoje tais espaços se tornam progressivamente mais articulados devido à melhoria de estradas, ao acesso aos diversos meios de transporte e de comunicação, assim como, pela mobilidade da população que tende a atenuar os comportamentos diferentes e a dificultar a observação direta das diferenças entre os dois tipos de espaços. Assim, as clivagens entre campo e cidade não resultam mais em uma oposição substantiva entre estes espaços, mas, sim em uma integração. Neste sentido, Endlich & Sposito (2010) diferenciam campo de rural, a fim de evidenciar que a aproximação entre os espaços, “campo” e “cidade”, não incide de forma uniforme sobre o “modo de vida rural” e o “modo de vida urbano”.

Para este estudo que ora se apresenta, o campo e a cidade são conceituados como contendo especificidades formais que diferenciados pelo tipo de organização dos assentamentos humanos que neles se desenvolvem, as quais podem ser trazer a marca do modo de vida rural e/ou urbano. Assim, rural e urbano se manifestariam como um conteúdo social, um adjetivo territorial, que podem estar presentes concomitantemente no campo e na cidade. Este trabalho adota, assim, as perspectivas de Wirth (1979) e de Lefebvre (2001) segundo as quais o “rural” e o “urbano” são características das relações sociais que podem estar presentes tanto no campo como na cidade, os quais são vistos como formas espaciais.

Para as pesquisas na área de Extensão Rural, o estudo do deslocamento entre campo e cidade se reveste de enorme importância por propiciar a compreensão da forma como vem se efetivando a mudança nos modos de vida de um expressivo segmento populacional que reside em municípios de pequeno porte com até 20.000 habitantes, os quais representam mais de 80% dos municípios brasileiros. Entende-se, assim, que investigar como vem se configurando o campo através dos deslocamentos é relevante, uma vez que, pode verificar-se a existência das sincronias e dissonâncias entre o campo e a cidade. Além de que, a produção destas informações pode fundamentar as políticas públicas direcionadas ao campo no Brasil.

2. METODOLOGIA

Esta investigação empregou uma combinação de desenhos de pesquisa qualitativos e quantitativos. A abordagem qualitativa procura descrever significados que são socialmente construídos e que assumem uma dimensão subjetiva. Já a abordagem quantitativa, busca descrever os significados da realidade estudada de forma objetiva permitindo uma análise focalizada, pontual e estruturada dos dados (REICHARDT & COOK, 1979).

Para a realização do estudo escolheu-se um pequeno município, Araponga, pertencente à microrregião de Viçosa, Minas Gerais. A escolha se deveu ao fato do município ter uma população inferior a 20.000 habitantes e ter uma economia agrícola, tal como acontece com mais de 80% dos municípios brasileiros (VEIGA, 2004). É importante mencionar, que a seleção do município para este estudo se deu, também, pelo fato, da pesquisadora ser natural de Araponga. Tal fato trouxe como risco a relativização do distanciamento necessário para o estudo, o que requer uma vigilância redobrada, mas por outro lado, trouxe o benefício da proximidade durante a pesquisa de campo.

Optou-se neste estudo, pela amostragem probabilística e representativa da população adotando-se a aleatoriedade. Desta forma, para o cálculo da amostra efetuou-se um levantamento das unidades domiciliares rurais, através da consulta aos dados cadastrais fornecidos pelas Unidades Básicas

cas de Saúde (UBS) da Secretaria de Saúde de Araponga, MG. A definição do tamanho da amostra foi realizada segundo a fórmula da proporção finita de Bolfarine e Bussab (2005), assumiu-se o erro de estimativa de 10% e 95% como grau de confiança, tendo sido a amostra constituída por 94 indivíduos. Os dados primários foram coletados por meio de um Survey com perguntas fechadas e abertas, sendo a unidade de análise o indivíduo, segmentado em faixas etárias e sexo. Também adotou-se uma metodologia complementar do tipo observação participante realizada durante algumas viagens de ônibus nos momentos de ida a campo. O presente estudo foi autorizado pelo CEP-UFV pelo parecer número 713.588 na relatoria datada de 04/07/2014.

Os dados obtidos foram sistematizados e analisados no *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) e no *software* Alceste (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto) de análise quantitativa de dados textuais (IMAGE, 1998). Em algumas ocasiões as aplicações dos questionários foram gravadas, sendo posteriormente transcritas e utilizadas para ilustrar e reafirmar os dados descritos. As narrativas foram citadas utilizando-se o número de cada respondente e não o nome. Para enriquecer o trabalho utilizou-se, também, o equipamento GPS (*Global Positioning System*) para o levantamento georreferenciado das localidades onde os participantes da pesquisa residiam. Estes pontos coletados foram utilizados na construção dos mapas utilizando o *software* para sistemas de informações geográficas (SIG), *Arcgis 10.1*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a pesquisa não tenha tratado a mobilidade socioespacial como uma variável causal em relação às mudanças dos modos de vida das famílias que vivem no campo, percebeu-se que esse movimento atua como um indicador das dimensões em que o modo de vida rural vem se modificando. Portanto, os resultados mostraram que os deslocamentos entre o campo e a cidade foram utilizados de forma efetiva pelos habitantes do campo para introduzir mudanças, sobretudo, no seu modo de morar e nos

seus hábitos de vida. As idas e vindas à cidade estiveram relacionadas, prioritariamente, à esfera do consumo, tanto de alimentos, como de eletrodomésticos e móveis para a casa.

As tecnologias da informação e comunicação, como o celular, também mostraram a sua interface com os deslocamentos realizados pelos rurais entre o campo e a cidade, sendo utilizado para resolver assuntos, relativos à saúde, negócios ou mesmo da esfera afetiva, como entre os jovens. Em contrapartida, os deslocamentos entre o campo e a cidade não mostraram relação com o trabalho, nem ao estudo. Estas foram as esferas em que o modo de vida rural se mostrou mais inalterado devido a maior valorização do trabalho agrícola do que pelo estudo (RAMBAUD, 1973).

A mobilidade apresentou peculiaridades quanto ao gênero, mas não de geração. Os homens foram os habitantes do campo que mais se deslocam buscando o centro urbano do município e outros pequenos municípios vizinhos, principalmente por estes possuírem os meios de transporte e uma renda numericamente superior do que as mulheres. Já as mulheres apresentaram o deslocamento limitado ao distrito do município. Pode-se observar que, o uso dos meios de transporte próprios influencia diretamente na acessibilidade dos rurais à cidade (VASCONCELLOS, 2001).

Os rurais vivenciam a cidade como um espaço de pertencimento. A expressão “ir à rua” comumente usada pelos habitantes do campo para designar o deslocamento à cidade clarifica o quanto os rurais circulam e se apropriam do espaço citadino em seus deslocamentos corriqueiros, motivados por necessidades diversas. Desse modo, os rurais, sobretudo, frequentam lugares para realizar atividades ligadas ao comércio e a prestação de serviços, orientando à construção de espacialidades econômicas (RAMOS, 1992). Portanto, a diversificação do comércio no município e a renda agrícola são fatores que têm influência no desenho destas conexões espaciais entre os espaços de origem e destino.

Os rurais também mostraram avaliar de forma consciente a imagem do campo e da cidade, apontando características positivas e negativas vinculadas a ambos os espaços. Para Rambaud (1973), a representação social dos habitantes do campo em relação à cidade é permeada por uma

imagem onde são destacadas as vantagens e os inconvenientes da outra cultura. Embora, o autor reconhecesse que a representação dos rurais sobre a cidade era instrumental e por vezes até mesmo deformada, ele acreditava que os conflitos de imagens por eles manifestados expressavam as tensões entre os valores dos grupos sociais permitindo explicar por que a sociedade rural aceitava ou recusava algumas transformações.

A imagem positiva da cidade feita pelos rurais foi caracterizada pela sua estrutura e funcionamento como um polo aglutinador das decisões comerciais, econômicas e políticas, propiciadora de contatos diretos e facilitadora ao acesso às tecnologias da informação (WILLIAMS, 1989). Em contrapartida, a imagem positiva do campo apareceu associada à simplicidade da vida no campo, a natureza, a autonomia frente ao trabalho, a harmonia, a boa convivência (RAMBAUD, 1973). Assim, revelou-se uma postura avaliativa em relação ao campo comparando a vida no passado e no presente, demonstrando melhorias na vida rural com o passar dos tempos. A imagem negativa do campo apontou as dificuldades relativas à falta de alguns recursos e serviços reclamados como necessários, principalmente, aqueles ligados à área da saúde, à infraestrutura das vias, a dificuldade de acesso a telefonia móvel, internet e a escassez de atividades ligadas ao lazer, como as festas. O trabalho foi outro tema vinculado pelos rurais aos problemas enfrentados no campo.

Neste contexto, os deslocamentos realizados pelos rurais permitem um intercâmbio entre os modos de vida rural e urbano e uma interação territorial entre campo e cidade. O entrelaçamento entre o rural e o urbano, partindo da mobilidade, revelou novas facetas de um processo amplo de transformação da sociedade rural em que o modo de vida urbano adentra o campo sob formas variadas, trazendo consigo mudanças que refletem nas condições materiais e imateriais de existência da população rural.

4. CONCLUSÕES

A mobilidade socioespacial dos rurais mostrou forte relação com o gênero, mas não com a geração. Os homens eram os habitantes do campo

que mais se deslocavam dentro e fora do campo, em função de terem a posse dos meios de transporte, a moto entre os rapazes e os homens adultos, o carro, no caso dos senhores idosos. Em contrapartida, as mulheres de ambas as gerações são as que menos se deslocam apresentando mobilidade limitada e circunscrita na escala municipal utilizando o distrito do próprio município para suprir suas demandas, além destas dependerem de meios de transporte não próprios. Há de fato, a ampliação da mobilidade no campo com o aumento da intensidade dos fluxos dos indivíduos para espaços do seu entorno e para o centro urbano do próprio município. Além disso, a renda se mostrou como um fator relevante para a escolha do tipo de transporte a ser utilizado.

Em relação ao trabalho percebeu-se que o trabalho agrícola realizado na própria propriedade mostrou-se como o principal fator de manutenção do modo de vida rural. O fato da economia do café gerar empregos agrícolas e renda para a manutenção dos membros da família na própria comunidade não alterou sobremaneira a escolaridade dos jovens e o uso dos meios de transporte para a consolidação de projetos de vida em maior confluência com a vida citadina. O acesso aos meios de transporte e a possibilidade de deslocamento não incidiram de forma decisiva sobre o trabalho realizado fora da propriedade. Assim, a mobilidade socioespacial não se constituiu um fator determinante para alterar o tipo de trabalho típico do modo de vida rural: a agricultura. Em contrapartida, no que se refere à esfera do consumo de eletrodomésticos e de tecnologias de uso pessoal as diferenças entre o modo de vida no campo e na cidade vem se atenuando, sendo o deslocamento campo-cidade um instrumento para efetivação desta proximidade. O estreitamento do intercâmbio simbólico e material dos rurais com a vida citadina trouxe várias mudanças nos seus modos de morar.

A circulação dos rurais pela cidade passa por espaços de apropriação e exploração marcados por trocas comerciais. A economia agrícola do município faz com que o setor de prestação de serviços e comércio na cidade, se torne mais ativa, sinalizando, portanto, que a produção rural alcança preços lucrativos para seus produtos permitindo um maior poder aquisiti-

vo. Notou-se que, de modo geral, a conformação das espacialidades construídas na cidade pelos rurais não se diferiam conforme o sexo e a geração.

Em suma, este estudo evidenciou que as transformações observadas em nível local são constituintes do processo de globalização que tendem a ocorrer de forma integrada por mais que se manifeste de modo desigual no tempo e no espaço. Um conjunto de impactos globais adentra no campo, revelando que o rural não é mais o único adjetivo relacionado ao campo. Foi perceptível a aproximação entre os modos de vida urbano e rural no campo, mediado pelos novos padrões de consumo. A hibridização do modo de vida rural é cada vez mais evidente, ao observar que os rurais vêm conjugando práticas culturais com as influências urbanas.

Nesse sentido, reporta-se a contribuição social e científica desta investigação, por apontar a necessidade de repensar as políticas públicas direcionadas ao campo, bem como as práticas extensionistas rurais, que devem perceber que o campo e a cidade estão cada vez mais integrados. Além de compreender que o campo vem se constituindo em uma realidade paulatinamente diversa quanto suas relações e processos sociais. Ademais, que os habitantes do campo deslocam-se para suprir necessidades sentidas no seu espaço de origem, logo pode-se perceber quais são suas reais demandas no espaço citadino.

Tendo em vista as limitações deste estudo, dada à proposta analítica utilizada, percebe-se que pesquisas que enfocam a mobilidade no campo em pequenos municípios de forma mais aprofundada ainda é um desafio. Trata-se de uma temática complexa, multidisciplinar e ainda pouco retratada na sociedade científica. Dessa forma, novas investigações que possam tratar da dinâmica da mobilidade no campo nestes municípios com vocações distintas são relevantes, por evidenciarem as reais demandas que orientam novos padrões de deslocamentos para a cidade e para os espaços a seu entorno. Por fim, sugere-se a realização de pesquisas futuras que investiguem a evolução do processo de urbanização do campo e de seus desdobramentos a nível microsocial. Uma vez que, o universo rural em sua dinamicidade oferece um amplo campo de investigação nos aspectos econômicos, políticos e culturais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W.O. *Elementos de Amostragem*. Edgar Blucher, São Paulo, 2005.
- ENDLICH, Ângela M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. IN: Sposito, M.E.B. WHITACKER, A.M. (org.). *Cidade e campo: relações e Contribuições entre urbano e rural*. São Paulo: Editora Expressão popular, 2010, 11-31p.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas. 2010.159p.
- IMAGE (1998). *Alceste: Analyse de donnés textuelles*. Tolouse: Manuel d'utilisateur.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- RAMBAUD, Placide. *Société Rurale et Urbanisation*. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.
- RAMOS, Aluísio Wellichan. Espaço tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “bairro” da água branca. *Revista do Departamento de Geografia – Departamento de Geografia da FFLCHUSP*, São Paulo, n. 1, p. 65-75, 1992. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_15/65-75.pdf> Acesso em: 07 dez.2014
- REICHARDT CS & COOK TD. Beyond qualitative versus quantitative methods. In TD Cook & LS Reichardt (orgs.). *Qualitative and Quantitative Methods in Evaluation Research*. Sage, Londres, p. 7-30, 1979.
- VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. *Transporte urbano, espaço e equidade: análise das políticas públicas*. São Paulo: Annablume, 2001.
- VEIGA, J. E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. *Estudos Avançados 2004*, Vol. 51, n. 18, pp. 51-67.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. VELHO, O. G. O. Fenômeno urbano. 4a ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.